

Cidade, poesia e ativismo: notas sobre territórios literários do SLAM das Minas

Lilian Alves Gomes¹

Thaís Costa da Silva²

GT 3. A produção da cidade, agentes e ações da periferia

Resumo

Nesta comunicação exploramos a apropriação da cidade realizada por meio de performances poéticas. Para tanto, inicialmente nos valem de observação etnográfica realizada em competições de poesia chamadas de SLAMs, mais especificamente nos eventos promovidos pela *Coletiva SLAM das Minas - RJ*, grupo formado por mulheres e pessoas trans do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Em 2020, com a deflagração da quarentena para contenção da pandemia de COVID 19, as integrantes do grupo promoveram a “Quarentena Poética”. Nossa observação foi então direcionada aos poemas divulgados através do Instagram. Os textos recitados evidenciam (i)mobilidades urbanas e outros aspectos da vida na metrópole fortemente impactados pela pandemia. O trânsito de corpos pela cidade - ecoado nos versos calorosos das poetas³ - conforma arenas de produção de subjetividade que abordamos enquanto Territórios Literários.

Palavras-chave: SLAM; apropriação da cidade; arte urbana.

Introdução

A exploração de agenciamentos que tornam as cidades mais dinâmicas e plurais nos leva a diferentes interpretações e redesenhos urbanos. Das formas arquitetadas e estruturadas por uma lógica dominante, sobressaem políticas de exclusão e desigualdade que são continuamente inscritas nos sujeitos que transitam pela cidade. Corpos racializados, gênero dissidentes, periféricos e afins contornam as ordens disciplinares que lhes empurra constantemente para as margens da urbe.

A poesia é o principal instrumento dos praticantes de SLAM nessa empreitada.

1 Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Pesquisadora CESAP/UCAM e docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política - IUPERJ/UCAM. E-mail: lilianalves@gmail.com

2 Doutora em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora CESAP/UCAM. E-mail: thais_unirio@yahoo.com.br

3 As integrantes do SLAM das Minas se anunciam como poetas e não como poetisas. Em respeito à autodenominação das artistas e atentas à necessidade de discutirmos o sexismo da linguagem, preservamos inversões da norma agenciadas pelas poetas, tais como “A Coletiva”, “Corpas” etc.

Os SLAMs acontecem em diversas partes do mundo e constituem um movimento internacional que tem estado cada vez mais em evidência. São “batalhas” de poesia que propiciam o estabelecimento de uma sociabilidade em torno da prática da leitura, configurando-se como um “jogo poético”. Em um primeiro momento, o microfone fica disponível no meio da roda e as pessoas podem se expressar de variadas formas, sem regras pré-definidas. Depois, quando a competição se inicia, há regras que devem ser seguidas: os poemas devem ser autorais, a duração máxima é de três minutos, não é permitido acompanhamento musical, figurinos, acessórios e adereços.

O movimento de poesia falada surgiu com Marc Smith em Chicago, nos Estados Unidos, em 1987. A poeta Roberta Estrela D'Alva trouxe o evento para o Brasil em 2008. A artista e pesquisadora enfatiza o caráter festivo e ao mesmo tempo político do evento, que tem como principal propósito o encontro e, por extensão, a promoção de afetos e vínculos entre pessoas e territórios.⁴

Nossa atenção se voltou aos SLAMs em função de nosso interesse por práticas de leitura⁵, por formas de comunicação política atravessadas por marcadores sociais de gênero (SILVA, 2021) e por intervenções urbanas artísticas e contestatórias (GOMES, 2021, LANES e GOMES, 2021). O olhar para os gestos que envolvem jogo, denúncia de injustiças sociais e replicação de performances pelas redes sociais nos colocou em contato com agentes sociais que passam ao largo da imagem do leitor solitário e que se refugia da realidade.

A ocupação e apropriação das cidades alicerçadas na literatura nos remete aos desenvolvimentos de Jacobs (2014) sobre a importância de se questionar um modelo de cidade que pouco promove o contato entre as pessoas. A autora afirma que compartilhar é um gesto que causa aversão nas grandes cidades, pautadas pelo

4 Cult. Roberta Estrela D'Alva: Slam é sobre vozes que são ouvidas. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/roberta-estrela-dalva-slam-cultura-inglesa-festival/>

5 As reflexões em tela constituem um desdobramento do projeto “Territórios Literários: novas tecnologias, práticas de leitura e de compartilhamento na contemporaneidade”, conduzido entre 2016 e 2019 pelo Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Cândido Mendes - CESAP/UCAM. Em busca de interlocução com jovens leitores e em consonância com a necessidade de mudar a pergunta em torno de “quanto se lê” para a problemática de “como se lê”, proposta por Nestor Garcia Canclini, realizamos etnografia em saraus, SLAMs, livrarias, sebos, feiras e lançamento de livros e fanzines; bem como em observação de vídeos feitos por *booktubers*, participação em grupos de leitores e autores em redes sociais e plataformas que propiciam a troca de conteúdos literários (Skoob, Medium e Wattpad, por exemplo) e, por fim, promoção de eventos com tais agentes e especialistas nas interações entre as temáticas de juventude, leitura, corpo e cidade. Contamos com a contribuição das assistentes de pesquisa Clara da Cunha Braga e Maria Carolina Cezar para a coleta de parte dos dados utilizados na presente comunicação.

isolamento. A pandemia de COVID 19 evidenciou a perversidade desse isolamento e seu caráter bastante relativo para trabalhadores não puderam deixar de estar em contato com outras pessoas. Enquanto integrante de operações de prestação de serviço, a movimentação dessas pessoas é tida como essencial. E para além desse registro? Como podemos vislumbrar a constituição da vida pública das cidades por meio das (i) mobilidades?

A busca por responder tais indagações se baseia em um trabalho etnográfico junto à Coletiva SLAM das Minas - RJ. O acompanhamento ocorreu em períodos distintos dos anos de 2018, 2020 e 2021, permitindo-nos entender algumas das transformações do grupo e suas adaptações à nova realidade. Entre idas a eventos presenciais e o acompanhamento das ações desenvolvidas na internet, em especial do evento "Quarentena Poética", debruçamo-nos neste universo que tem a cidade como lócus de manifestação política e de expressão das subjetividades.

Acessar, Ocupar e Resistir

“Pela primeira vez na história do Slam tem que terminar na hora”, avisou Carol Dal Farra ao apresentar a programação da final do Slam das Minas RJ de 2018, que aconteceu dia 18 de setembro. A limitação de horário era necessária em função das restrições impostas pelo local onde o evento estava sendo realizado, o Museu de Arte do Rio - MAR. Era terça-feira à noite e o pilotis do prédio estava lotado. A página do evento no Facebook registrou três mil interessados em participar e quase mil comparecimentos. O texto convite para a “batalha lúdico poética” é bastante elucidativo de seu modo de funcionamento:

Na busca de um espaço seguro e livre de opressões para desenvolvimento da potência artística de mulheres [héteras, lésbicas, bis, ou trans] pessoas queer, agender, não binárias e homens trans **optou-se pela ocupação da rua para acabar com a invisibilidade dessas pessoas e para estimular os encontros e afetos.** Com participação de poetas, musicistas, performers e transeuntes, o microfone aberto para o empoderamento. Nenhuma forma de opressão será aceita no Slam das Minas RJ. Além do microfone aberto haverá o Slam que é um jogo poético com as seguintes regras: Poemas autorais; Duração máxima de 3 minutos; Sem acompanhamento musical; Sem figurinos, acessórios ou adereços; O júri será formado por 05 pessoas (nenhum homem cis) da platéia; A nota maior e a nota menor caem. Teremos premiação para as pessoas vencedoras. Nesta edição final teremos uma batalha com todas as pessoas vencedoras do ano. A pessoa campeã da final representará

o Slam das Minas RJ no Slam RJ, concorrendo à vaga ao SlamBR. O Slam das Minas RJ acontece desde maio de 2017 em espaços públicos do Estado do Rio de Janeiro, de forma itinerante e mensal. PS: Homens cis são convidados a reconhecerem seus privilégios e assistirem como ouvintes.⁶

A preferência pela utilização de espaços abertos e públicos para a realização das competições de poesia chamadas SLAMs torna esse tipo de evento especialmente significativo no que diz respeito à apropriação da cidade. Naquela ocasião, em 2018, a realização da edição em um museu se inseriu na proposta, mobilizada por diversos coletivos de poetas, de ativar espaços diversos enquanto palco. *Slammers* e sua audiência nem sempre se sentem bem vindas em instituições historicamente atreladas à fruição das elites, como os museus. Na final do SLAM das Minas RJ de 2018, convidadas da Coletiva foram barradas na portaria, segundo os seguranças, em função do horário que chegaram. As regras de funcionamento da instituição colidiram com a proposta do evento, construída por vivências diversas no espaço público. A proteção coletiva nos SLAMs é uma proposta construída horizontalmente, significativamente oposta à figura da “segurança” incorporada na figura autoritária de um homem que barra a entrada de pessoas importantes para a realização do evento.

As poetas que conduziam a festa explicitaram o que estava acontecendo para o público presente, que logo se somou ao clamor para que as convidadas pudessem participar do evento. Quando finalmente elas entraram, a experiência de ser impedida de acessar lugares foi acionada em versos e músicas. Corpos negros, periféricos, gênero dissidentes, recorrentemente são barrados na entrada. A justificativa em torno do horário avançado, portanto, era só mais uma em um amplo repertório.

A ocupação da cidade se associa diretamente ao acesso às mobilidades, assim como à sua reivindicação. “Aparentemente despreziosos, despropositados e aleatórios, os contatos nas ruas constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer a vida pública exuberante da cidade” (JACOBS, 2014, p.78). A necessidade de experimentar a cidade é também a de povoá-la e pertencê-la. Afinal, para quem os espaços públicos são construídos e quais são os seus usos?

A preferência pela utilização de espaços abertos e públicos pelos *slammers* brasileiros em muito se explica pela tentativa de criar conexões e afetos com esses

6 Disponível em <https://www.facebook.com/events/272426816815441/>, grifo nosso

lugares a partir de práticas transformadoras. Assim, os versos reproduzidos e performados atraem olhares de quem não tem, à princípio, relação com o evento, mas que está pelas proximidades. O chamamento é coletivo em meio a tantos estímulos circundantes. Os bancos e muretas das praças compõem o auditório a céu aberto. E no meio dela é instalado o microfone. Assim como nos saraus, é construída uma rede a partir da palavra falada, "de sonhos e ideais compartilhados que se desdobram em projetos culturais, eventos em espaços públicos e coletivos voltados à arte..." (QUEIROZ, 2017, p. 120)

No Brasil, a apropriação da cidade via realização de SLAMs difere do que ocorre em diversos outros países, como nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde grande parte dos eventos ocorre em locais fechados, como bares e estádios⁷. No cenário brasileiro, a cidade aparece não só como cenário, mas muitas vezes também como protagonista das ações narradas nas poesias. Nesse sentido, destacamos os versos de Valentine (@jamaisvalentina): "Se quiserem me encontrar vão me achar num SLAM, nunca numa esquina". Quando os recita, a artista geralmente é acompanhada por um coro da plateia. A poeta nos lembra que as esquinas são locais onde espera-se encontrar as mulheres trans, mas que ela resiste ao processo de marginalização que relega os corpos em questão à prostituição. Nesse sentido, o SLAM lhe possibilita outra vivência de cidade. As palavras que se tornaram sua marca pessoal trazem os riscos e potências do desafio cotidiano de subverter os usos do espaço urbano. Como afirma Butler (2018), a junção de corpos na rua os instaura no campo político. Eles são potencializados, assim, para performar existências diferentes daquelas precárias que lhes são constantemente induzidas.

Respirar e sobreviver

A precariedade de que nos fala Butler ganhou contornos extremos com a pandemia de COVID 19. As imobilidades corpóreas passaram a ser privilégio de quem podia cumprir com a quarentena em casa, pois muitos trabalhadores precisaram continuar suas rotinas laborais presencialmente, o que se deu em grande parte nos estratos mais pobres da sociedade. Por outro lado, as mobilidades virtuais ganharam maior intensidade, excluindo aqueles que tinham acesso restrito ou nenhum acesso à

⁷ A propósito, o formato SLAM teve origem em um bar, no Estados Unidos (ESTRELA D'ALVA, 2011).

internet e a dispositivos tecnológicos.

Antes da pandemia, os SLAMs, por definição, envolviam aglomerações. As reações das pessoas que compõem a plateia são tidas como parte constitutiva do jogo poético. Diante da necessidade de isolamento, diversos SLAMs passaram a promover encontros virtuais em plataformas digitais, o que afetou significativamente o *modus operandi* do movimento, como explicita Roberta Estrela D'Alva:

Muitas comunidades têm feito edições online. Slam é performance, e não se pode falar em performance sem falar em presença. Nós sentimos muita falta do público presente fisicamente conosco: a vibração da torcida, a interação dos jurados com o público e com os poetas. Por outro lado, o formato online é muito interessante porque permite a participação de pessoas do Brasil inteiro e até mesmo de fora do país, e isso está criando uma nova rede de slams e interações muito frutíferas entre poetas.⁸

O SLAM das Minas - RJ promoveu, por meio do Instagram, a “Quarentena Poética”, que teve início em 16 de março de 2020. Uma das convidadas foi Valentine, que ao final de sua participação alterou, em função do contexto sanitário, os versos que sempre marcam o encerramento de suas declamações autorais: “Se quiserem me encontrar, eu estou em casa fugindo dessa pandemia” (Dia #10, 25/03/2020).

A voz das poetas ecoou preocupações sobre risco de contágio, que naquele momento inicial do espalhamento do vírus pelo Brasil foi promovido por pessoas que retornaram do exterior. Algumas integrantes do SLAM haviam recém chegado do Mundial Poético de Montevideo e o medo de pegar COVID se somou a outras preocupações cotidianas de pessoas moradoras de território periféricos do Rio de Janeiro:

Dia # 01

Cogitei a máscara ao voltar para minha comunidade

Que reclamava o medo da invasão

[...]

Que segue sem protocolo de segurança

polícia e bandido que trocam balas

8 Cult. Roberta Estrela D'Alva: Slam é sobre vozes que são ouvidas. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/roberta-estrela-dalva-slam-cultura-inglesa-festival/>

Que viralizam durante confrontos
Uma máscara não me protegeria de uma bala
Rejane Barcelos

A quarentena e outras vivências em “isolamento social” logo se tornaram o mote das poesias. *Slammers* de outros estados, como a pernambucana Bione, mostraram que em outros territórios no Brasil a busca pela sobrevivência também impedia a realização plena de protocolos de segurança:

Dia # 28
quarentena é privilégio
proteção é utopia
pra quem pega busão
metrô ou a fila da padaria
pra quem não tem água em casa
quem trabalha todo dia
já que não vai ser paga sozinha
a conta de energia

e tá faltando energia
pra quem vive cheio de fé
pois pegar a pandemia
é coisa que ninguém quer
e em meio a desigualdade
a minha indicação é
quem tem como; fica em casa
quem não tem;
que se proteja como puder.

axé.

Bione

A busca de um “placebo poético”, da produção de versos sobre questões outras que não as desigualdades sociais tinha como obstáculo o noticiário do dia:

Dia #

Hoje mais corpos trans estão sendo despejados, policiais cercando nossos amigos
resistentes sem outra opção de lar.
Covardia no meio da Pandemia. Quais são as corpos que são descartáveis? Quais são as
pessoas por quem você vai se importar?
Como culpar quem precisa ir pro trabalho, se não temos estrutura pra ficar sem sair do lar?
Na minha casa, não recebo entregas, preciso ir à caça pra me alimentar.
Vendendo pizza fortaleço minha família e a do entregador, mas eu também queria ser só um
escritor.
Persigo o sonho, mesmo quando a vida me desmorona com luto e opressão.
Apenas sigo, com mais um poema, quem sabe essa palavra te traga alguma revolta, ou
revolução...”

Tom Grito, 24/08/2020

Mas a Quarentena Poética também foi mobilizada por saudades de um “amor
furacão” (Dia #24), de aglomeração, da praia, do carnaval, dos SLAMs nas esquinas...

“Quarentena dia 30

Eu sinto falta de aglomeração

Meio copo de mate, meio de limão
sem saber a procedência da água
chamar o vendedor de mermão
Filtro solar pela hora da morte
Eu com cara de camarão
Rasta Beach, sem bad trip
Por do sol, reggae, mar
e multidão

Eu sinto falta de aglomeração

Meu time no peito, bandeira na mão
Subir a rampa como quem chega ao planalto
O lugar mais alto de uma nação
Descer as escadas rumo às arquibancadas

Assistir da geral, chamar o juiz de ladrão
É título, é raça, é abraçar quem tá do lado
É tetra, é penta, é campeão
É sentido de justiça e coletividade
Eu sinto falta de aglomeração

De ir pras ruas por nossos direitos
E gritar, por cada indignação
Fugir de bala de borracha
E te encontrar, falar mal do patrão,
Máscara, vinagre, leite de magnésio
no lugar de álcool gel e lavar a mão
Beber uma cerveja pra aliviar o golpe
Encontrar os aliados, reclamar do padrão
Planejar um candidato, um sonho, uma utopia
distribuir santinho no ponto do busão
votar em alguém que eu respeite
planejar uma nova revolução
portar uma bandeira com orgulho
Eu sinto falta de aglomeração

Escrever um poema até decorar
Sair com ele, caderno na mão
Ir em cada sarau pra testar
do público a primeira reação
Encontrar os amigos, ficar ansioso pra falar
Dar um beijo na Ivone Landim, no Chacal
e no João do Corujão
Ajustar o poema, inscrever num slam
Repetir e gritar credo
até ele ser campeão
Falar poesia na esquina ou na escola
Eu sinto falta de aglomeração.”

Apesar de tantos motivos que nos levam a aglomerar, Tom Grito foi incisivo quanto à cumplicidade de pessoas - que lotavam bares, pegavam praia e fingiam estar

tudo bem - para que o Brasil atingisse a marca de cem mil mortes de COVID. “Eu também sinto falta de aglomeração, mas não naturalizo 100 mil mortes em vão”. (Dia #, 08/08/2020).

A impossibilidade da realização dos encontros presenciais é então um desafio que se estende até hoje, um ano e meio após o início da quarentena. Mesmo com a flexibilização de muitas das restrições de mobilidade que têm ocorrido em virtude da campanha de vacinação, as condições sanitárias ainda não permitem pensar em aglomeração sem risco à saúde pública.

O Brasil já contabiliza seiscentos mil mortos. “Contra necropolítica imunização poética”. É assim que algumas ações do SLAM das Minas - RJ têm sido anunciadas em 2021. Nas imagens das postagens do Instagram, é possível ver a ilustração de uma seringa preenchida pela palavra POESIA. A alusão às vacinas torna patente a importância da prática poética como estratégia de sobrevivência em tempos tão incertos. Como declamou Moto Tai, a palavra a leva a respirar. (22/02/2021). Lian Tai, por sua vez, fabula o futuro:

A gente vai se abraçar de novo, eu juro
A gente vai se abraçar de novo
Sem medo
Sem máscara
A gente vai pra rua de mãos dadas
Pra dizer que estamos curados
Dessa doença de achar que somos separados
E que direitos podem ser privados.
A gente vai ocupar as ruas de novo
A gente vai ocupar as ruas de povo
De arte, de poesia
Mas todo mundo vai ter casa pra voltar
E ninguém vai precisar bater panela porque não vai sobrar panela vazia.
A gente vai se abraçar de novo, eu sei
A gente vai se abraçar sem nojo, sem ressalvas
“A gente vai entender que a cura é coletiva
E que só o coletivo salva.
A gente vai saber que se um perde

ninguém ganha
E nunca mais vamos aceitar essa lógica tacanha
da falsa meritocracia.
Desde quando herança é mérito?
Desde quando cor de pele é mérito?
Desde quando é mérito ser filho neto bisneto de ladrão colonizador escravocrata?
Por que se importar com o vírus só quando ele te mata?
A gente vai se abraçar de novo, eu juro
A gente vai se abraçar de outro jeito
A gente vai viver num mundo sem muros, onde todo mundo merece respeito
Ar puro, água limpa, comida sem veneno
Direito ao corpo, liberdade
Educação pública gratuita de qualidade.
A gente vai viver pra ver uma sociedade que não compete, mas coopera.
A gente vai se abraçar de novo, sim
Mas nada vai voltar ao que era.”
21/03/2020

Considerações finais

Em meio às desigualdades sociais, disputas pelo espaço constroem uma paisagem que transparece imposições e estruturas de poder advindas de ações de planejadores e práticas de resistência de movimentos sociais ativistas (ZUKIN, 2000). Nesses cerzimentos urbanos habitam corpos que vivenciam e percebem a cidade de modo singular. Buscamos demonstrar como tais vivências e percepções são abordadas nas poesias, evidenciando assimetrias que conformam subjetividades.

Ao considerar as estruturas de poder e as ordens normativas que modulam a maneira como nos movemos e até mesmo a possibilidade de exercer determinados deslocamentos, Sheller (2017) ressalta uma crise ética e política. Seu regimento ocorre por questões socioeconômicas e marcadores sociais da diferença tais como gênero e etnia. A "justiça das mobilidades" (SHELLER, 2017) é então um clamor pela diminuição das desigualdades que resultam em problemáticas que atingem principalmente grupos histórica e socialmente excluídos.

A proliferação recente dos SLAMS é impulsionada pelo protagonismo de jovens que, ao proporem novas métricas para competições de poesia falada, dão corpo a

arenas literárias candentes e reivindicatórias. Neste sentido, procuramos evidenciar as relações entre as sociabilidades, dinâmicas e particularidades corporais e os espaços urbanos que se apresentam em eventos como esses. O espaço urbano como um componente ativo da conformação da experiência também pode ser observado em ações promovidas em meios digitais, como a quarentena poética. O isolamento, como ficou patente, não obliterou o debate sobre formas de estar juntos e em movimento nas cidades.

Referências

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Thais. **Viagens como meio de comunicação política: mediações tecnológicas e discursos identitários em redes de hospedagem colaborativa para mulheres**. Tese de Doutorado em Comunicação Social. UERJ, 2021.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - O poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011.

GOMES, Lilian. A cidade como biblioteca - percursos de costura do livro e da leitura no tecido urbano. **Ponto Urbe**, 28, 2021.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LANNES, Patrícia, GOMES, Lilian. "Rua Marielle Franco e Beco Eduardo de Jesus: toponímia urbana e conflitos de memória no Rio de Janeiro". In: Memória Coletiva - entre lugares, conflitos e virtualidade. Porto Alegre, Pelotas: Ed. Ufpel, 2021, disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nemplus/files/2021/04/Memoria-coletiva-entre-lugares-conflitos-e-virtualidade.pdf>

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo, Centauro, 2008.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

QUEIROZ, Hélen A. **A poesia em territórios improváveis**: jovens de periferia em cena. /Hélen Queiroz. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGE - FE, 2017.

SHELLER, Mimi. **Mobility justice and power**. In: 1a Escola de Ciência Avançada em Mobilidades: Teoria e Métodos. São Paulo, SP: Escola de Artes, Ciências e

Humanidade, Universidade de São Paulo, 2017.

ZUKIN, Sharon. **Paisagens do século XXI**: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, Antônio (Org.) O espaço da diferença. Campinas: Papyrus, 2000.